REVITALIZAÇÃO DO PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES

Palavras do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann, na cerimônia de Lançamento do Projeto de Revitalização do Parque Nacional dos Guararapes

Jaboatão dos Guararapes, 15 de maio de 2017

Senhoras e senhoras,

Entre os dias 18 e 19 de abril de 1648, travou-se aqui a primeira Batalha dos Guararapes. Nesse campo de honra enfrentaram-se, aproximadamente, 4,5 mil holandeses e 2,2 mil brasileiros e portugueses. Era muito importante essa Batalha porque o comandante das tropas holandesas, Sigismund Van Schkoppe, tinha por objetivo estratégico tomar o Porto de Nazaré, em Cabo de Santo Agostinho, que é aonde desembarcava os mantimentos e alimentos que iam para o Arraial do Bom Jesus. Nesse trajeto, era fundamental tomar o povoado de Muribeca. E os brasileiros, capitaneados por Felipe Camarão, que comandava o batalhão indígena; André Vidal Negreiros, que comandava o batalhão dos negros; e também pelo Henrique Dias, que comandava o batalhão dos brancos e mestiços, impuseram uma derrota histórica, que depois se consolidou na Segunda Batalha dos Guararapes, no dia 19 de fevereiro do ano seguinte, 1849.

Com essas duas vitórias, estava liquidado o destino da segunda ocupação holandesa no Nordeste. Lembrando que as ocupações holandesas, particularmente as de Pernambuco, foram o maior conflito político-militar da Colônia, e na verdade, representaram um conflito que excedia em muito o aspecto especificamente regional, porque naquela época vivia-se a chamada União Ibérica por conta da união das coroas da Espanha e Portugal. Então veio a ordem do Rei da Espanha que determina que todos os portos ibéricos sejam fechados para os que hoje chamamos de holandeses. Essa dimensão mostra, portanto, que se tratava de um conflito entre potências naquele mundo de então, no século XVII. Essa Batalha, como destacou o Ministro da Cultura, Roberto Freire, e o Prefeito de Jaboatão dos Guararapes, Anderson Ferreira, que o antecedeu, tem três importâncias que não podem ser minimizadas.

A primeira é que as invasões holandesas aqui vão durar de 1630 a 1654. Durante 24 anos, mas, sobretudo, durante os 10 anos finais, ou seja, entre 1644 e 1654, as batalhas foram conduzidas majoritariamente por brasileiros. Então a primeira coisa a destacar aqui é que essa vitória foi de brasileiros, não de portugueses. E nesse sentido, é aqui que se funda o sentimento nativista que irá desembocar no sentimento do nacionalismo, que hoje faz com que nós possamos recordar a frase já dita de Gilberto Freyre “que não nos transformamos em duas ou três nações ou países, mas sim uma una”. Então é isso que esse campo sagrado está aqui a nos simbolizar.

O segundo dos aspectos, também já destacado por Gilberto Freyre, é exatamente a nossa mestiçagem, e isso é uma enorme conquista, de muito fácil percepção. Hoje o Brasil é referenciado em todo o mundo pelas suas Forças de paz, pelos seus peacekeepers. Nós estamos há 14 anos no Haiti e o mundo inteiro reconhece o papel dos brasileiros e brasileiras que lá estão, entre outras coisas, exatamente pela sua capacidade de se relacionar, pela sua

capacidade de conviver com outras culturas e povos. Na verdade, o Brasil é um país já globalizado, aqui nós temos árabes, temos judeus, temos espanhóis, temos italianos, portugueses que convivem em harmonia. Então disso se pode chegar a essa mestiçagem, mudar exatamente essa cultura de intolerância que permite que além do Haiti nós tenhamos sete países sob nossa coordenação na única Força-Tarefa marítima de uma missão de paz da ONU, que protege o Líbano dos maiores conflitos e problemas.

Em terceiro e último lugar, este é também um local a ser reverenciado exatamente pelo que traz da nossa identidade, que se funda em larga medida com essa vitória feita de sangue de brasileiros. Isto aqui hoje também pode se destacar em três aspectos essenciais. Em primeiro lugar, o aspecto da memória. O Brasil trata mal a sua memória. Isso não quer dizer que por má vontade daqueles são responsáveis por essa memória, mas muitas vezes por não haver condições e recursos suficientes para poder fazê-lo. O Ministro Roberto Freire citou aqui a questão dos pracinhas. Eu fui há duas semanas refazer o roteiro da FEB e o que eu observei lá? Eu observei que os brasileiros são profundamente amados na Itália. São tão amados na Itália, que mingau, que é uma palavra nossa, é sinônimo de uma coisa boa. Quando você diz que fulano é mingau, é sinônimo que fulano é bom. Quando se diz que uma comida ou qualquer coisa que seja é mingau é porque é bom, porque os brasileiros, exatamente frutos dessa mestiçagem, tiveram na Itália um comportamento que nem uma outra força de libertação teve. Então essas são características a serem reverenciadas e preservadas.

Por isso mesmo, também determinei a construção de um memorial em nome da participação brasileira na Segunda Guerra, lembrando que também tivemos na Primeira Guerra, e isso é pouco recordado, está fazendo um século, mas também para que pudéssemos reverenciar ali também os nossos mortos. Então reverenciar a memória é importante e aqui será construído, em primeiro lugar, um Memorial, para o qual nós já temos recursos de R$ 5 milhões, por meio do Ministério da Cultura e da Lei Rouanet, e que terá também participação privada, obviamente também ampliando esse recurso para cá.

Em segundo lugar, isso aqui é importante porque, como disse o Ministro Roberto Freire, temos aqui uma questão social que tem que ser resolvida e o decreto presidencial e a criação desse grupo de trabalho possibilitam exatamente que possamos dar um encaminhamento e agilidade a essas 40 mil pessoas que aqui vivem, para que elas tenham sua situação resolvida e regularizada e possam conviver perfeitamente com esse Parque, com esse Memorial.

E a última questão é, obviamente, que esse Parque precisa ser devidamente cuidado e preservado também em termos paisagísticos, em termos ambientais, inclusive por isso o nome de Parque. Isso aqui, portanto, pode se transformar num espaço de turismo, num espaço de lazer, num espaço de conhecimento, em um espaço onde teremos a memória de nossos heróis, enfim, tudo aquilo que deve ser dado e contribuído para justo registro e memória do que representou.

Eu quero, ao despedir-me, agradecer muito ao Prefeito, pela disposição de participar desse projeto; ao senhor Governador que mais uma vez está sempre presente dando apoio às nossas iniciativas; ao meu conterrâneo, na verdade estimulador de tudo isso que está aí, corresponsável Ministro Roberto Freire; e agradecer a todos os militares aqui presentes, na figura desse excepcional comandante que nós temos aqui, General Moura. Então Moura, muitíssimo obrigado, e em nome seu, eu agradeço a todos os demais militares que estão aqui presentes. Atenção tropa: Pátria!